

**DICIONÁRIO DA
ESCRAVIDÃO
E LIBERDADE**

50 textos críticos



*Lilia Moritz Schwarcz
e Flávio dos Santos Gomes*

ORGANIZADORES

Copyright da organização © 2018 by Lília Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes

Copyright do texto © 2018 by vários autores

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

IMAGEM DE SOBRECAPA

Escravidão e liberdade, Jaime Lauriano, 2018. Desenho feito com pomba branca (giz utilizado em rituais de umbanda) e lápis dermatográfico sobre algodão preto. Obra especialmente realizada para esta edição.

PREPARAÇÃO

Márcia Copola

CHECAGEM

Érico Melo

ÍNDICE REMISSIVO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Huendel Viana

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dicionário da escravidão e liberdade : 50 textos críticos / Lília Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes (Orgs.). —
1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-85-359-3094-8

1. Brasil – História – Abolição da escravidão 2. Brasil – História – Dicionários 3. Escravidão – Brasil 4. Escravos – Brasil – História 5. Índios da América do Sul – Brasil – Condições sociais 6. Negros – Brasil – Condições sociais I. Schwarcz, Lília Moritz, II. Gomes, Flávio dos Santos.

18-13462

CDD-306.3620981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Escravidão indígena e africana : História social 306.3620981

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

Prefácio: Escravidão e liberdade | **13**

Alberto da Costa e Silva

Apresentação | **17**

Introdução | **21**

Sobre as imagens: entre a convenção e a ordem | **43**

Lilia Moritz Schwarcz

DICIONÁRIO DA ESCRAVIDÃO E LIBERDADE

ÁFRICA DURANTE O COMÉRCIO NEGREIRO | 51

Roquinaldo Ferreira

ÁFRICA, NÚMEROS DO TRÁFICO ATLÂNTICO | 57

Luiz Felipe de Alencastro

AFRICANOS CENTRAIS | 64

Robert W. Slenes

AFRICANOS LIVRES | 71

Beatriz Gallotti Mamigonian

AFRICANOS OCIDENTAIS | 77

Luis Nicolau Parés

AFRICANOS ORIENTAIS | 84

Edward A. Alpers

ALFORRIAS | 92

Eduardo França Paiva

AMAS DE LEITE | 99

Lorena Féres da Silva Telles

AMAZÔNIA ESCRAVISTA | 106

Flávio dos Santos Gomes e Lilia Moritz Schwarcz

ASSOCIATIVISMO NEGRO | 113

Petrônio Domingues

CAFÉ E ESCRAVIDÃO | 123

Ricardo Salles

CANÇÕES ESCRAVAS | 130

Martha Abreu

CAPOEIRA NA ESCRAVIDÃO E NO PÓS-ABOLIÇÃO | 137

Antônio Liberac Cardoso Simões Pires e Carlos Eugênio Líbano Soares

CASTIGOS FÍSICOS E LEGISLAÇÃO | 144

Keila Grinberg

CHARQUEADA ESCRAVISTA | 149

Jonas Moreira Vargas e Paulo Roberto Staudt Moreira

CIDADES ESCRAVISTAS | 156

Marcus J. M. de Carvalho

CÓDIGO PENAL ESCRAVISTA E ESTADO | 163

Hebe Mattos e Keila Grinberg

CRIANÇAS/VENTRE LIVRE | 169

Marília B. A. Ariza

CULTURA MATERIAL/ARQUEOLOGIA DA ESCRAVIDÃO | 176

Luís Cláudio Pereira Symanski

DEMOGRAFIA DA ESCRAVIDÃO | 185

Herbert S. Klein

DOENÇAS | 195

Tânia Salgado Pimenta

ECONOMIA ESCRAVISTA MUNDIAL | 203

Rafael de Bivar Marquese

EMANCIPAÇÃO NAS AMÉRICAS | 210

Maria Clara S. Carneiro Sampaio

**ESCRAVIDÃO INDÍGENA E O INÍCIO DA ESCRAVIDÃO
AFRICANA | 216**

Stuart B. Schwartz

FAMÍLIA ESCRAVA | 225

Isabel Cristina Ferreira dos Reis

FIM DO TRÁFICO | 230

Carlos Eduardo Moreira de Araújo

FRENTE NEGRA/LEGIÃO NEGRA | 237

Petrônio Domingues

FRONTEIRAS DA ESCRAVIDÃO | 244

María Verónica Secreto

IMPrensa NEGRA | 253

Petrônio Domingues

INDÍGENAS E AFRICANOS | 260

Flávio dos Santos Gomes e Lília Moritz Schwarcz

IRMANDADES | 268

Lucilene Reginaldo

LEGISLAÇÃO EMANCIPACIONISTA, 1871 E 1885 | 277

Joseli Maria Nunes Mendonça

LEI DE 1831 | 285

Beatriz Gallotti Mamigonian e Keila Grinberg

LETRAMENTO E ESCOLAS | 292

Maria Cristina Cortez Wissenbach

LITERATURA E ESCRAVIDÃO | 298

Sidney Chalhoub

MEMÓRIAS DO CATIVEIRO | 307

Hebe Mattos e Robson Luís Machado Martins

MINERAÇÃO ESCRAVISTA | 314

Douglas Cole Libby

MORTE E RITUAIS FÚNEBRES | 322

Cláudia Rodrigues

MOVIMENTOS SOCIAIS ABOLICIONISTAS | 328

Wlamyra Albuquerque

MULHER, CORPO E MATERNIDADE | 334

Maria Helena Pereira Toledo Machado

NAVIO NEGREIRO | 343

Jaime Rodrigues

PÓS-ABOLIÇÃO; O DIA SEGUINTE | 351

Walter Fraga

PROCESSOS POLÍTICOS DA ABOLIÇÃO | 358

Angela Alonso

QUILOMBOS/REMANESCENTES DE QUILOMBOS | 367

Flávio dos Santos Gomes

RELIGIOSIDADES | 377

Luis Nicolau Parés

RETORNADOS AFRICANOS | 384

Luciana Brito

REVOLTAS ESCRAVAS | 392

João José Reis

TEORIAS RACIAIS | 403

Lilia Moritz Schwarcz

TRABALHADORES LIVRES E ESCRAVOS | 410

Marcelo Mac Cord e Robério S. Souza

VALONGO | 419

Carlos Eugênio Líbano Soares

Por uma cronologia atlântica | 427

Flávio dos Santos Gomes e Lilia Moritz Schwarcz

Referências bibliográficas | 441

Agradecimentos | 461

Sobre os autores | 465

Acervos pesquisados e suas abreviaturas | 481

Créditos das imagens | 483

Índice remissivo | 493

A IMAGEM DA SOBRECAPA

A OBRA QUE O LEITOR TEM EM MÃOS, E QUE QUANDO DESDOBRADA SE TRANSFORMA num pôster, foi especialmente criada pelo artista Jaime Lauriano para figurar neste *Dicionário*. Ela tem tal importância que a consideramos como um dos verbetes do livro. Jaime é autor de uma vasta e expressiva obra voltada com coerente frequência para a questão racial no Brasil, para os problemas de exclusão social e, entre outros, para o tema da escravidão e das diferentes nações que foram compulsoriamente retiradas da África, nesta que foi a maior diáspora humana depois daquela de Roma. Quando procuramos o Jaime, lembramos logo de seus “mapas” feitos com uma técnica especial que consiste em realizar um desenho com pomba branca (giz utilizado em rituais de umbanda) e lápis dermatográfico sobre algodão preto. Eles são vários — de 2016, *Accuratissima brasilica tabula: invasão, etnocídio, democracia racial e apropriação cultural; América invasión etnocídio invención; Brasil: invasão, etnocídio, democracia racial e apropriação cultural; Hyspanus; Meridionalis americae: invasão, etnocídio, democracia racial e apropriação cultural*; e de 2017, *Amazônia atlântica; Invasão*; e *São Paulo imperial: escravidão, cativos, monumentos e apagamentos históricos* — e mostram com agudeza, no seu conjunto, como o artista sente a dor que constitui a nossa própria história. A dor da escravidão, mas igualmente a força da luta pela liberdade que sempre esteve presente entre as populações afrodescendentes que são parte integral do país em que vivemos. A capa é o resultado do nosso amplo diálogo com Jaime Lauriano — que opinou, ouviu, testou e fez novamente, sempre com o mesmo espírito aberto, generoso e animado. Um pouco mais sobre esse verdadeiro debate intelectual que travamos — nós, autores, editores, Victor Burton, o pessoal da produção e da arte da Companhia das Letras, com o artista — está registrado na página 462 dos nossos agradecimentos.

Alberto da Costa e Silva

PREFÁCIO

ESCRavidÃO

E LIBERDADE

POUCAS ÁREAS DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EXPERIMENTARAM, nos últimos cinquenta anos, avanços tão expressivos quanto as dedicadas à escravidão nas Américas e ao tráfico transatlântico de escravizados. Atualmente, somos capazes de riscar nos mapas os principais espaços de captação dos cativos, isto é, não ignoramos de onde muitos deles vieram, e as rotas que seguiram do interior até os embarcadouros litorâneos; conhecemos os processos de escravização prevalentes em diferentes regiões e povos africanos, assim como os sistemas de crédito que alimentavam o comércio inter-regional e transoceânico; identificamos quase 36 mil viagens de navios negreiros, com seus portos de partida, escala e chegada, os nomes de seus proprietários e comandantes, e as baixas durante a travessia do oceano; não ignoramos como se construía esses barcos e como funcionavam, e temos ideia de como viviam e sofriam, nos longos dias no mar, os seus tripulantes e a carga humana sob os seus cuidados; conhecemos as enfermidades que se contraíam nos demorados e sofridos percursos entre o sertão e o mar e nos porões abafados dos tumbeiros; não nos escapam os pormenores ignominiosos dos leilões de gente; estudamos os processos de aceitação e recusa do cativo, de acomodação e rebeldia, de resistência velada ou aberta, de sabotagem, de luta armada, de fuga e formação de quilombos; temos ciência de como se difundiram as técnicas, as crenças, os valores e os modos de vida que os africanos escravizados trou-

xeram para as Américas e de como aqui misturaram suas culturas com as dos europeus e ameríndios, se criouliizaram e deram origem a novas identidades: angolas, cabindas, benguelas, minas, nagôs, jejes etc.; convivemos cada vez mais com as famílias escravas, compreendemos melhor os meios que levavam às alforrias, e aprendemos como era o dia a dia dos libertos.

Essa enumeração está longe de fazer justiça ao que os arquivos nos foram e vão revelando. E à própria riqueza dos arquivos. Cada vez que se puxa uma gaveta de um móvel de sacristia, por exemplo, para examinar casamentos de escravos numa paróquia, é como se encontrássemos outras gavetas dentro dela, cada qual a se abrir para novas surpresas.

Apesar disso, estamos longe de saber tudo o que queremos sobre a escravidão e as liberdades refeitas — e provavelmente não saberemos jamais. Avançamos, porém, o bastante para tentar compor até mesmo as biografias de alguns escravizados que deixaram pegadas mais nítidas. São histórias incompletas, mas com gosto de vida. E resta-nos o consolo de saber que não há biografias ou autobiografias que não sejam incompletas. A biografia completa seria como aquele mapa, imaginado por Jorge Luis Borges, que era do tamanho exato de todos os acidentes e pormenores do espaço que retratava, podendo sobre ele se ajustar com precisão. A imitar esse mapa, a biografia perfeita seria aquela que repetisse todos os dias, horas, minutos e segundos de quem se conta a vida. Sem saltar um só respiro.

14

Lemos comovidos esses enredos da vida em cativeiro. Não se estuda o escravismo sem emoção e sem um sentimento de vergonha e remorso. Embora a escravidão seja quase tão antiga quanto o homem na história e esteja presente no desenrolar de quase todas as culturas, é com extrema dificuldade que conseguimos estudá-la como algo que ficou no passado e lhe pertence completamente. A ela se aplicaria a afirmação de que não há história que não seja contemporânea, pois com a régua dos sonhos do presente medimos os sucessos que narramos.

A escravidão que atou, durante cerca de quatro séculos, a África à América, mostrou-se especialmente perversa porque os seus efeitos se prolongaram nos descendentes dos que lhe sofreram a violência. Se em quase todas as sociedades se discrimina e socialmente se exclui, humilha ou rebaixa quem tem antepassado escravo, este podia em muitas delas — em Roma, por exemplo, ou em Axante, ou no Mali — conseguir esconder sua origem, porque cativo e homem livre não diferiam na aparência. No caso americano, isso não era possível, porque escravo era sinônimo de negro. E,

por isso, nas Américas, os negros herdaram o retrato impiedosamente falso que do escravo, quase sempre branco, se fazia na Antiguidade Clássica. O ateniense, que, para poder dedicar o melhor de seus dias aos debates na ágora, dependia do escravo, acoimava-o de indolente, mentiroso, estúpido, ingrato e dissimulado.

Sabemos pouco sobre as formas que tomou o escravismo na Grécia Antiga. Podemos, contudo, intuir que não coincidiriam com as prevalecentes nos cafezais brasileiros do século XIX. Embora em todos os lugares e épocas a escravidão seja facilmente reconhecida como o regime mais eficiente e feroz de arrematar, conservar e explorar trabalho, tendo por fundamento o direito de um ser humano ser proprietário de outro e deste dispor como mercadoria, ela se mostra distinta no espaço, no tempo e, principalmente, nos modos de usar o escravo. Por vê-la com diferentes vestes e jeitos — nas minas de sal-gema do Saara e no Marrocos do sultão Mulai Ismail, para ficar em dois exemplos de aparência quase oposta —, já houve quem, ao tratar do tema, ousasse empregar “escravidades”, em vez de “escravidão”, no singular.

Na mesma geografia, o regime escravista soube mudar de formas e adaptou-se a novas circunstâncias econômicas. E, num mesmo espaço e momento, apresentou-se com múltiplas feições, pois podiam ser diferentes os trabalhos, as condições de vida e as aflições dos que, escravizados, serviam na fazenda de café e na casa da cidade do senhor. E podia haver o caso de este ampliar suas rendas urbanas com escravos de ganho. Lembre-se ainda que ser cozinheira ou babá na casa de uma baronesa era diferente de pertencer a uma doceira cujas guloseimas ela vendia no mercado. Uma coisa era ser escravo de rico; outra, ser escravo de pobre.

Na corte dos tapas ou nupes, havia um grande número de escravos a serviço dos cavalos do rei. Cada animal tinha para cuidá-lo pelo menos dois escravos, que só faziam isso. Nos acessos ao palácio, como os que levavam a vários outros recintos onde davam audiência reis africanos, podiam ser vistos escravos deitados ou recostados uns nos outros, a conversar ou dormir. Pois manter um bom número de escravos ociosos era, em grande parte da África, uma afirmação de riqueza e poder. E ostentar escravos — vesti-los, por exemplo, com bonitos uniformes — parece ter sido uma característica comum às sociedades escravocratas. No Rio de Janeiro oitocentista, o mesmo cativo que, na casa do senhor, labutava em farrapos, quando o acompanhava à missa, trajava de modo a nem de longe enver-

gonhá-lo e, se possível, a deixar claro que o seu dono era um homem de posses ou de qualidade.

Embora prefiram “escravidão” a “escravidões”, a meia centena de ensaios concisos que Lilia Moritz Schwarcz e Flávio dos Santos Gomes reuniram neste volume, com título e intenção de ser um dicionário temático, mostra a grande quantidade de faces que compõem o que é um poliedro em movimento. Cada um desses textos convida a novos textos, a novas pesquisas, a aprofundamentos, a novas comparações e a contestações. E, porque do que é bom sempre se quer mais, alguém cobrará ensaios sobre o escravo e o filho de escravo como soldado, e como marinheiro, e como músico, e como mestre de obras ou arquiteto, e como escultor, e como joalheiro, e como pintor. E outros sobre as vestes das negras e dos negros, escravizados ou livres, e sobre os turbantes, as blusas rendadas e as saias amplas das baianas. E sobre os seres míticos que, como o curupira e o saci, possivelmente atravessaram o oceano. E sobre mezinhas, emplastros, rezas e ervas para curar doenças, endireitar quebrados e fechar feridas. E sobre os fornos nos quais os escravos fundiram o ferro no Brasil. E não deixará de haver quem tenha a vontade de mudar de lado e, em vez de leitor, se imagine autor de um ensaio sobre os dias seguintes à abolição, tendo por ponto de partida aquele belo conto de Coelho Neto, “Banzo”, escrito antes de 1913, no qual um velho ex-escravo, expulso da fazenda para a mendicância, vê os colonos brancos ocuparem as terras que ele ajudou a desbravar.

16

DICIONÁRIO DA
ESCRavidÃO
E LIBERDADE

Não faltam neste livro parágrafos sobre a espera, a busca e a obtenção da liberdade. Sobre a liberdade como antônimo de escravidão, mas que com ela coexiste para a ela se opor. Se estes ensaios nos dizem que o passado é sem esperança de conserto, eles não nos deixam esquecer que não há sombra sem luz.

*Flávio dos Santos Gomes
e Lilia Moritz Schwarcz*

APRESENTAÇÃO

NA DATA EM QUE PUBLICAMOS A PRIMEIRA EDIÇÃO DESTE *Dicionário*, 2018, completam-se 130 anos da extinção da escravatura no Brasil. É muito tempo, mas as marcas do passado escravista ainda atormentam o país. No momento presente, as desigualdades raciais continuam fortes, seja em termos institucionais, seja em termos pessoais, enquanto cidadãos brasileiros e sobretudo para a população negra. Vale a pena lembrar que já em inícios do século XIX as elites intelectuais — científicas e literárias — jogavam a escravidão para uma época longínqua. Tal sistema convertia-se então em traço de um passado atávico, obsoleto, próprio dos mundos rurais e, por isso, distante de uma sociedade que agora se pretendia moderna e urbana. A verdade, porém, era bem outra, as paisagens camponesas ou mesmo as cidades e suas fábricas estavam, nesse contexto, repletas de trabalhadores não necessariamente “brancos”, miscigenados ou imigrantes europeus, e sim de homens e mulheres negros, recém-saídos da escravidão, ou de filhos e netos deles. A falta de letramento era problema nacional, mas ainda mais agudo no caso das populações afrodescendentes, que permaneceram por tanto tempo apartadas desse tipo de educação.

O certo é que, projetando um futuro moderno, se inventava um passado distante daquela história recente, como se a Lei Áurea tivesse, com uma canetada e com um texto tão breve, abolido de vez um tipo de trabalho

forçado e coercitivo que já fincara raízes na nossa realidade e imaginação. A lei por si só, e conservadora como foi, não prevendo nenhum projeto de inclusão social, não tinha o poder de redimir desigualdades assentadas, apagar hierarquias naturalizadas.

Em dezembro de 2017 — exatamente no momento em que fechávamos a edição deste *Dicionário* —, uma notícia nos surpreendeu. No dia 21 do mesmo mês faleceu José Aguielo dos Santos em Bauru, município no interior de São Paulo. A matéria deu destaque à idade avançada desse senhor, que morreu com 129 anos. Também sublinhou o fato de ele não ter registros oficiais, o que não poderia distingui-lo como “o homem mais velho do mundo”. A idade de José Aguielo funcionava, pois, como um anátema. Teria ele 129 anos mesmo? Sabia-se que nascera em 1888, no Ceará. Mas em Bauru era apenas um velho negro que vivia num asilo.* Mais do que contar com a sorte de descobrir vários outros Aguielos — com 129 anos, ou dez, vinte, trinta anos mais novos —, nos animava a possibilidade de diminuir (mais do que comemorar) distâncias temporais e encontrar personagens das primeiras décadas do pós-emancipação.

18

DICIONÁRIO DA
ESCRavidÃO
E LIBERDADE

Este *Dicionário* trata, justamente, de histórias, eventos, temas, processos e personagens que o sr. Aguielo pode ter conhecido. Ele que viveu nas décadas iniciais do período pós-emancipação, quando se sonhou tanto com a liberdade mas se inventaram novas hierarquias e diferenças. Não mais aquelas jurídicas, e sim teorias baseadas na biologia da época, na cor, na raça, na identidade e nas origens de cada brasileiro.

A chance de encontrar outros Aguielos ainda vivos é pequena. Também temos poucas informações sobre seus filhos e sobrinhos; pessoas que teriam atualmente de 85 a noventa anos. Não obstante, seus netos e bisnetos continuam por aqui, quem sabe silenciosos e apartados de uma história incessante de luta pela liberdade, de cujos “começos” conhecemos algo mas de cujo fim quase nada sabemos.

Os atuais índices de desigualdade, discriminação e exclusão tornam nítida a contínua e teimosa invisibilidade dessas gerações. A abolição ocorreu “ontem”, se pensarmos em termos geracionais. No entanto, com os associativismos e a imprensa negra de inícios do xx, com o crescimento dos movimentos contra o racismo, e com a retomada de

* | Cf. <<https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/corpo-de-homem-que-teria-129-anos-e-enterrado-em-cemiterio-de-bauru.ghtml>>.

uma produção acadêmica robusta — voltada para o período da escravidão e do pós-emancipação — e das políticas públicas mais contemporâneas, tal quadro indica novas — embora ainda morosas — mudanças. Resta saber como o presente será inventado nas narrativas sobre o passado, e como os projetos de futuro poderão delinear uma nação mais igual e cidadã. Aguielo não conheceu essa utopia, e talvez nem tenha imaginado um Brasil diferente, mais inclusivo e plural. Lembrar é, por isso mesmo, exercício de rebeldia; de não deixar passar e de ficar para contar.

INTRODUÇÃO

A ESCRAVIDÃO MERCANTIL AFRICANA DO PERÍODO MODERNO É UM sistema que se enraizou cruelmente na história brasileira, e que guarda marcas profundas no nosso cotidiano. O país não só foi o último a abolir essa forma perversa de mão de obra nas Américas, como aquele que mais recebeu africanos saídos de seu continente de maneira compulsória, além de ter contado com escravos em todo o território. Com as primeiras levas chegando em 1550 e as últimas na década de 1860, já que existem registros de envio ilegal de africanos entre 1858 e 1862, estima-se que 4,8 milhões de africanos tenham desembarcado no Brasil.

Tais dados fizeram do Brasil colonial e pós-colonial uma sociedade mestiçada mas também profundamente marcada pela presença africana. No entanto, e mesmo levando-se em conta o enraizamento desse sistema no país, é importante escapar de uma armadilha recorrente, que implica entender a escravidão no Brasil como um modelo de trabalho quase a-histórico, espécie de evolução natural, que desconsidera contextos, especificidades ou variações. A escravidão — indígena e africana — esteve presente, de modo combinado e diverso, em várias partes do Brasil, e apresentou diferentes feições econômicas, culturais e demográficas.

Como se conectaram as várias margens africanas com as sociedades que se inventavam nas Américas e no Brasil desde o século xv? A resposta, que nada tem de imediata, leva a revolver as muitas e complexas mar-